



A Representação da Ideologia nos Textos da Revista *Piauí*¹

André SCHMIDT²

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as representações ideológicas presentes nos textos da Revista *Piauí*, especificamente publicados na sessão *Esquina*. Os três textos escolhidos foram publicados entre junho e setembro de 2010, e tem a religião como temática. Através da análise do discurso, e dos modos operacionais apresentados por Thompson (2002), destacam-se as principais características narrativas de cada texto, que caracterizamos como pertencentes ao estilo do Novo Jornalismo. É a partir destes dados que identificamos as representações ideológicas, tanto pelo lado dos personagens como pelo dos autores.

Palavras-chave: Análise do discurso; Ideologia; Revista *Piauí*.

Introdução

Para Marx, as sociedades que surgiram com a emergência do capitalismo industrial são diferentes em muitos aspectos das sociedades pré-capitalistas. A religião em algumas sociedades, ao perder seu “domínio” da vida social e do poder político, de acordo com Thompson (2002) criou condições para a emergência e difusão das “ideologias”.

O francês Destutt de Tracy utilizou o termo “ideologia” para descrever seu projeto de uma nova ciência, que estudaria idéias e sensações, como são geradas, combinadas e quais as consequências das mesmas. Seria a “Ciência das Idéias”. Destutt de Tracy (apud THOMPSON, 2002) argumenta que “não podemos conhecer as coisas em si mesmas, mas apenas as idéias formadas pelas sensações que temos delas”. Se pudéssemos analisar essas ideias e sensações de uma maneira sistemática, poderíamos garantir uma base segura para todo o conhecimento científico e tirar conclusões de cunho mais prático.

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Acadêmico do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social - Hab. Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. E-mail: andre_tuc@hotmail.com



O Novo Jornalismo foi empregado como forma de classificação dos textos, por serem diferenciados do padrão de reportagens jornalísticas. Apresentam aspectos literários, figuras de linguagem, descrição da cena e ações dos personagens, características presentes em publicações do estilo criado na década de 60. A Revista Piauí trata de assuntos paradoxais (neste caso especificamente religião), que estão presentes no cotidiano dos indivíduos, de uma maneira que pareça ficcional, mas com dados e relatos de pessoas envolvidas que comprovam a autenticidade dos fatos.

1. Revista *Piauí* e o Novo Jornalismo

A *Piauí* é uma revista mensal que circula desde outubro de 2006. Diferencia-se no mercado editorial nacional pelo tom literário de seus textos, apesar desse aspecto o editor da revista João Moreira Salles não considera a mesma como jornalismo literário. Sobre a identidade da revista João Moreira Salles (2007) diz que:

A *Piauí* é saudavelmente anárquica. Ela muda muito; é muito dinâmica. Acho que dá pra dizer que a revista é centrada na singularidade. Não temos temas gerais, mas sempre uma pessoa, uma instituição. Generalização no Brasil é algo muito complicado, acaba sendo contraditório. (...) É difícil definir a *Piauí*, assim como é difícil definir o Brasil (SALLES, 2007).

Essa “anarquia saudável” se dá através de diversos colaboradores – de áreas distintas, como médicos, engenheiros e escritores – que escrevem para a revista, pela pequena quantidade de seções fixas e pela liberdade dada aos repórteres do veículo. Esse modelo inovador da revista é direcionado a um público considerado restrito, *cult*, com uma escolaridade acima da média. Prova disso são os números divulgados pela revista que apresenta um número de 63% de leitores com Ensino Superior Completo. A tiragem de impressão de cada edição fica na casa dos 50.000, pequena se for comparada com outras revistas do país.

No encarte distribuído para assinantes da Editora Abril antes da primeira edição da revista circular, já era transmitida a ideia de como seria o conteúdo dos textos que ocupariam as páginas da *Piauí*. Além do estilo literário, percebe-se o tom “humanizador”, que destaca a vida do personagem textual, seus trejeitos, aspirações, não limitando-se à descrever a ação realizada por este. Percebemos isso através do trecho:



Piauí será uma revista para quem gosta de ler. Para quem gosta de histórias com começo, meio e fim. Como não se inventou nada melhor do que gente (apesar de inúmeras exceções, vide... deixa pra lá), a revista contará histórias de pessoas. De mulheres e homens de verdade. Ela pretende relatar como pessoas vivem, amam e trabalham, sofrem ou se divertem, como enfrentam problemas e como sonham. *Piauí* partirá sempre da vida concreta (PIAUI, 2006).

Como forma de caracterização, o modo da escrita da revista se enquadra como Novo Jornalismo. Destacam-se as características literárias, passagens de relato direto da cena descrita, com observações só possíveis a quem estava no local do acontecimento. Cabe ressaltar também resquícios de opinião do autor, que faz alusão a episódios que tenham ligação com a história principal, deixando implícitas interpretações de ações dos personagens e até mesmo da atual sociedade.

Tom Wolfe (2004), considerado um dos fundadores do Novo Jornalismo na década de 60 nos Estados Unidos, juntamente com Gay Talese, Truman Capote, entre outros; enumera quatro características sobre os textos desta vertente jornalística: 1. Remontar o fato seguindo a ordem dos acontecimentos cena a cena, o que dá uma fluência ao texto; 2. Complementos da observação direta dos personagens, como expressões faciais, ações constantes, costumes; e também de ambiente; 3. Apresentar o decorrer da história com a visão de personagens diferentes, com o objetivo de citar tudo que é perceptível na cena do momento; e 4. Usar os diálogos completos, com vícios de linguagem e até sem plena concordância, pois se trata da caracterização de um personagem. Ainda, segundo o autor:

Talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance.(...) O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor (WOLFE, 2004).

A Revista *Piauí* possui uma sessão fixa intitulada Esquina, encontrada sempre nas primeiras páginas. É composta por uma miscelânea de textos curtos, de rápida leitura, colocados em sequência. Cada um deles foi elaborado por um autor diferente, e trata de um assunto ou fato específico, sem que exista qualquer ligação temática com os demais. São singulares em relação ao tema. O que poderia ser taxado como



padronização são sua estrutura e formato. Para demonstrar, utilizaremos três textos publicados nesta sessão entre os meses de junho e setembro do ano de 2010.

Primeiro: “9299 – 1169”. Neste texto, o foco é o padre Nelson Rabelo, de 89 anos, da Igreja de Santana – RJ, único a realizar exorcismos no estado. Como o ritual não segue à risca as normas do Vaticano, as sessões são chamadas de “aconselhamento e atendimento à população”. Acontecem todos os sábados, às oito horas, e tem uma média de 300 participantes por semana. O padre até lançou um pequeno livro, intitulado Orações de Intercessão, Cura e Libertação para Leigos. Seguindo o texto, há a participação de um exorcista do Vaticano, Padre Gabriel Amorth, que fala sobre os sintomas que apresentam os possuídos e de como são chamados os demônios a serem expurgados. Para o final, destaca-se a luta constante com o Diabo, que por vezes ameaça derrubá-lo, mas o padre afirma não ter medo, e se diz preparado para seguir sua saga.

Segundo: “Vai uma prece aí, freguesa?” A narrativa discorre sobre um *drive-thru* da oração, localizado em frente ao templo da igreja Universal – SP. Quem coordena as atividades é o pastor Osvaldo Volpini. Uma equipe oferece orações para os motoristas que transitam pelo trecho movimentado no horário de pico (18 – 21 horas). A personagem da história é Maria Lopes, de 57 anos, que teve as bijuterias que vende roubadas. Após sair da delegacia, onde “não tem esperanças de que a justiça terrena interceda a seu favor”, se depara com um congestionamento. Em meio da grande quantidade de carros vê a placa que indica a oferta de orações. Como frequenta o culto às vezes, resolve conferir. Até seu carro, que não está nas melhores condições, acaba recebendo uma prece. Maria volta para o trânsito e diz sentir-se mais aliviada. Próximo do final do expediente, um “obreiro” oferece a oração para um taxista que está parado no sinal. Convence-o de que será mais rápido se for pelo caminho oração, que o colocará à frente do mar de carros congestionados. A frase: “Avançar uns metros já dá pra chamar de benção” encerra o texto.

Terceiro: “O lado www da Bíblia”. Trata sobre o site “Sexo Cristão”, propriedade do pastor Ramon Tessman, de Santa Catarina. O portal existe há três anos e tem 30 mil visitantes/mês. Disponibiliza dez especialistas para sanar as dúvidas dos fiéis sobre o tema, dentre as principais: “sexo oral entre casados é pecado?”, “Por que não apedrejamos os adúlteros hoje em dia?”, e até uma enquete: “O que você acha de o cristão ir a motéis?”. Atenta sobre a possibilidade de “seguir” o Senhor no Twitter (@ocriador), enviar santinhos por e-mail, acender velas virtuais, e a existência da “Vida



Nova – a igreja de Jesus na internet”. Porém, revela a final do texto que apesar da existência de todas essas ferramentas para “encontros casuais” (inclusive a existência do GooCrente), o termo “sexo cristão” ainda não é tão pesquisado quanto “Jesus Cristo”, informação do portal de pesquisas Google.

2. A Ideologia na *Piauí*

Trata-se ideologia de um conjunto de idéias, crenças e costumes, ou seja, a maneira como determinada classe social enxerga o mundo. Por mais que cada grupo de pessoas que tem idéias semelhantes, com um discurso individual, realize ações em benefício próprio, acaba fortalecendo também a ideologia da classe dominante. Nesse ponto que surge a ideia de ideologia como sentido a serviço do poder. Sobre essa análise Thompson (2002) explica:

A análise da ideologia pode ser vista como uma parte integrante de um interesse mais geral ligado às características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e à mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a seus papéis na vida social (THOMPSON, 2002).

Então, a tentativa de analisar as representações ideológicas de determinado grupo está ligada a maneira de como este age na sociedade, suas ações sociais, ou até mesmo a caracterização de seu discurso. Segundo o filósofo francês Michel Pêcheux (1975), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. É desta maneira que o discurso cria significados nas formações ideológicas, como apresenta o professor Marcelo Rocha (2008):

[...] a ideologia tem de ser vista muito mais em sua posição de efeitos provocados no interior dos discursos do que um conjunto particular de discursos. Esses efeitos, como o de “fechamento”, servem para excluir determinados significantes, enquanto, por outro lado, outros são “fixados” em posição dominante (ROCHA, 2008).

Partindo desse pressuposto, tomamos para análise um trecho do texto “O lado www da Bíblia”, escrito por Felipe Sáles, publicado na edição 48 (setembro/2010) da Revista *Piauí*:

“Um evangélico em dúvida sobre como aplacar as coceiras que lhe advêm da lascívia agora já tem escolha. Em vez de ir soltar seus demônios no púlpito ou no palco (para horror profundo ou secreto



gozo da platéia de irmãos), ele pode, por exemplo, dar uma vasculhada no GooCrente, o portal “onde os sites cristãos se encontram”. Se ali dentro, contudo, o pobre-diabo buscar “sexo cristão”, encontrará apenas sites de namoro, pura caretice sabida e consabida, a não ser por um certo amorcristão.net, site onde se encontram evangélicos mais prontos, digamos assim, para abraçar o mundo. Os danados permitem buscar homem, mulher, ambos, casais e grupos, tudo a partir dos 16 anos”

Não é comum para a ideologia da Igreja Evangélica trazer à tona o tema sexo para discussão, ainda mais na era da Internet. O tom do texto, até mesmo por se tratar de algo inusitado, como um site de relacionamentos entre cristãos, chega a ser humorístico. Faz uso de eufemismos que por mais que pareçam cômicos, deixam claro o sentido destes como parte de uma ideologia comum. A eufemização está presente no conceito de dissimulação apresentado por Thompson (2002, p.84), que diz: “[...] estratégia que facilita a dissimulação das relações sociais é a eufemização: ações, instituições ou relações sociais são descritas ou redescritas de modo a despertar uma valoração positiva”.

Esse uso de expressões de fácil entendimento remete a formação de símbolos sociais que acaba refletindo a ideologia do público-alvo da revista. Pensa-se o seguinte: o autor, sabendo para qual público será destinado o texto, escreve para o leitor que já tem pré-estabelecida a aceitação dos termos usados para abordar a religião. Para Thompson (2002) essas formas simbólicas constroem o conceito da sociedade.

Como pessoas, nós estamos imersos em conjuntos de relações sociais e estamos constantemente envolvidos em comentá-las, em representá-las a nós mesmos e aos outros, em verbalizá-las, em recriá-las, em transformá-las através de ações, símbolos e palavras. As formas simbólicas através das quais nós nos expressamos e entendemos os outros não constituem um outro mundo, etéreo, que se coloca em oposição ao que é real: ao contrário, elas são parcialmente constitutivas do que em nossa sociedade é “real” (THOMPSON, 2002).

Além de criar a realidade, o discurso é criado pela mesma. Assim, situações e expressões presentes no cotidiano aparecem também em textos que retratam estas passagens. No texto “O lado www da Bíblia”, ao tratar de assuntos delicados para a Igreja, as representações que o autor usa (mesmo de forma comedida) são de fácil entendimento para os leitores, que as interpretam sem perda do sentido “real” para qual foram usadas.



O segundo texto submetido à análise é “9299-1169”, de Bruna Talarico, publicado na edição 45, de junho de 2010. Destacamos o seguinte trecho:

“No entanto, os procedimentos do padre Nelson não obedecem exatamente à boa norma preconizada pelo Vaticano. Como se sabe, a Igreja Católica sempre agiu com extrema cautela ao lidar com casos de suposta possessão. Antes que o exorcismo seja sequer cogitado, exige-se que o paciente seja submetido a exames clínicos e psicológicos. Mas isso são luxos de Primeiro Mundo. As centenas de pessoas que todo sábado vão atrás do padre Nelson querem é sossego, libertação, e não exame médico - ainda mais se tiverem que entrar em fila do SUS. A pressa, no caso, é efetivamente vital. Ensina a boa prática que o possuído deve receber ajuda imediata, sob pena de Belzebu deitar raízes”.

Ainda utilizando a concepção de dissimulação proposta por Thompson (2002) outra estratégia de construção simbólica que usaremos é o tropo, definido pelo autor como “uso figurativo da linguagem”. No decorrer do texto da Revista *Piauí* aparecem figuras de linguagem que firmam suposições ainda não comprovadas, no caso, as possessões demoníacas. De outra forma servem como uma maneira de criticar, ainda que não explicitamente, as mazelas da sociedade (tempo de espera na fila do SUS).

A presença de maniqueísmo nos trechos de fala do padre sustenta uma tentativa de dominação dos fiéis. Por dizer que os rituais de exorcismo darão fim aos problemas que assolam os indivíduos que o procuram, a ajuda oferecida por ele trata-se do restabelecimento do Bem perante o Mal. Assim percebe-se a presença de ideologia no uso figurativo da linguagem, como especifica John B. Thompson:

Quero somente afirmar que o uso figurativo da linguagem é uma característica bastante comum do discurso cotidiano, que é uma maneira eficaz de mobilizar o sentido no mundo sócio-histórico, e que, em certos contextos, o sentido mobilizado desse modo pode estar envolto com poder, podendo servir para criar, sustentar e reproduzir relações de dominação (THOMPSON, 2002).

A figura de linguagem recorrente no texto de Bruna Talarico é a metáfora, que é uma forma de tropo. Metáfora consiste em modificar o significado de um termo, usando-o de uma maneira que não o seu próprio conceito literal. Como exemplo uma expressão usada no texto: “Seu negócio é dobrar o Cão”, significando a expulsão do demônio do corpo do possuído.

Dentre as abordagens ideológicas há também a reificação, que nada mais é que a “coisificação”, tornar o processo em objeto. Thompson (2002, p. 87) define: “relações



de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pela retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal.” A ramificação deste conceito que utilizaremos é a naturalização, uma criação social que passa a ser tratada como um acontecimento natural.

Para análise utilizamos um trecho do texto “Vai uma prece aí, freguesa?” de Tomás Chiaverini, publicado na edição 46 (julho/2010):

De repente, nesse mar vermelho de luzes de freio, lá vem coisa. Um rapaz parece caminhar bem em direção a Maria. Como um Moisés pós-industrial que partisse o oceano de carros, ele ergue um cartaz acima da cabeça: “Nunca diga não para uma oração.” Freqüentadora ocasional de templos evangélicos, Maria não poderia estar mais de acordo. Jamais recusaria um tête-à-tête com o Criador, ainda mais na atual conjuntura.

Cem arrastados metros adiante e o seu agonizante Unozinho é cercado por um coletivo de jovens evangélicos que agitam os braços e distribuem panfletos. Outros tantos metros e já não resta dúvida: O Senhor chama. Apenas que, enjoado de se fazer anunciar por arbustos em chamas, pombas alvíssimas ou trovões tonitruantes, dessa vez Ele optou por uma singela faixa que duas belas jovens fiéis seguram com circunspeção: DRIVE-THRU DE ORAÇÃO – RECEBA UMA ORAÇÃO SEM SAIR DO CARRO.

Dentro do contexto de naturalização, podemos constatar que todo o processo da abordagem aos motoristas para aliviarem suas tensões com uma oração, por mais que gratuita, acaba induzindo às pessoas que passem a frequentar os cultos, e assim transformá-los-ia em fiéis, que por sua parte colaborariam deliberadamente com a Igreja. No texto sob análise, o autor destaca em diversos trechos o problema do trânsito, concomitante ao evento realizado em frente à igreja Universal. A relação dos indivíduos com o congestionamento do trânsito em metrópoles já se tornou um processo natural. Assim, o êxito do “Drive-thru da oração” deve-se, em grande parte, ao descontentamento causado pela espera, sem possibilidade de escape, ao qual os motoristas são submetidos.

Considerações Finais

Os três textos publicados na Revista *Piauí* usados para a análise caracterizam-se por possuir a mesma temática central, a religião, com abordagens inusitadas. A composição de ambos traz entrevistas com pessoas diretamente envolvidas, observações dos autores, tudo isto descrito de forma literária, que por vezes parece conter elementos



ficcionais. Por mais que se mantenham isentos perante o assunto, o relato dos acontecimentos assume características tragicômicas da realidade, e até irônicas em alguns pontos, mas ainda assim não perdem o valor jornalístico de transmitir a informação.

No aspecto ideológico, as representações aparecem no discurso por meio de figuras de linguagem, eufemismos, complementos sarcásticos, que por vezes evidenciam trâmites da sociedade, aos quais as pessoas estão acostumadas a presenciar (intolerância religiosa e “ajeitadinha semântica”). Tópicos inesperados são tratados como ações normais, tornando mais impactante a recepção dos leitores.

Concluimos que tais representações ideológicas demonstram os objetivos de dominação impregnados nos discursos dos órgãos religiosos presentes nos textos, e o modo como são transcritos pelos autores, que por vezes parecem vangloriar as declarações dos entrevistados e outros torna-os contestáveis. Essa espécie de “gangorra” protagonizada nos comentários do texto age como uma ação contra-ideológica, causando uma quebra nos propósitos pretendidos nos discursos de padres, pastores e fiéis.

Referências Bibliográficas

Dados Revista Piauí, disponíveis em:

<www.revistapiaui.estadao.com.br/images/download/pdf/midia.pdf> Acesso em 03 de dezembro de 2010.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

NECCHI, Vitor. A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”. Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 99 - 109 jan./jun. 2009

PIAUI. Encarte promocional enviado para os assinantes da editora Abril.2006.

ROCHA, Marcelo. **No Reino da Serpente: Ideologia, Transgressão e Leitura em Pedro Juan Gutiérrez**. Rio de Janeiro, 2008.

Site “Comunique-se”, disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.**> Acesso em 03 de dezembro de 2010.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



Wikipédia, disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Piau%C3%AD_%28revista%29 > Acesso em 03 de dezembro de 2010. <